



Plantas Alimentícias Não Convencionais em Comunidade Tradicional da Mata Atlântica

Non-Conventional Food Plants in Traditional Atlantic Forest Community

FIGUEIREDO, Luana, P.S.¹; DUARTE, Edivânia, M.G.²; CARDOSO, Irene, M.³

¹ Universidade Federal de Viçosa (UFV), luanafigueiredo.geo@gmail.com; UFV, edivania.duarte@ifsudestemg.edu.br; ² UFV, irene@ufv.br; ³

Eixo temático: Biodiversidade e Bens Comuns dos Agricultores, Povos e Comunidades Tradicionais

Resumo: As Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs) quando presentes na alimentação contribuem significativamente na autonomia das famílias como fonte de alimentação e segurança alimentar, principalmente para populações em situações de vulnerabilidade, como é o caso de comunidades tradicionais. Assim, foram objetivos do presente trabalho: investigar a existência de PANC na comunidade Quilombo da Fazenda em Ubatuba – SP; identificar, resgatar, valorizar e divulgar os saberes tradicionais sobre a agrobiodiversidade da região e as tradições alimentares local por meio de um levantamento etnobotânico das PANCs. Para tanto, foram realizados: levantamento de dados através de entrevistas semiestruturadas, caminhadas transversais e levantamento etnobotânico. Como resultado, foram identificadas 51 espécies, distribuídas em 30 famílias. Pode-se observar que as PANCs podem ser fontes importantes de recursos para as populações, com valor nutritivo a partir do uso na alimentação e, na permanência em seus territórios, quando associados à proteção e conservação da agrobiodiversidade e da cultura.

Palavras-chave: Comunidades Tradicionais; Etnobotânica; Segurança Alimentar e Nutricional.

Keywords: Traditional communities; Ethnobotany; Food and Nutrition Security.

Introdução

As Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANCs) correspondem a uma grande variedade “deixada de lado” pela sociedade. Estas são plantas que poderíamos consumir, mas não consumimos, principalmente devido ao domínio dos grandes impérios agroalimentares que reduzem nossa variedade a poucas espécies (CHAVES, 2016). As PANCs devem ser relacionadas com o ambiente local (RANIERI, 2017). São, portanto, plantas que nascem e crescem sem serem cultivadas, adubadas ou protegidas de ataques de insetos, fungos e bactérias, mantendo a sua composição elementar mais natural, comparada às espécies cultivadas. Elas estão presentes em todos os biomas e podem ser utilizadas de diversas formas por diferentes populações.

As populações tradicionais, presentes em todo território nacional, ocupam e se utilizam dos recursos naturais voltados principalmente para a segurança e soberania alimentar, utilizando mão de obra familiar, com produção a partir dos conhecimentos passados entre gerações, de base sustentável e tecnologia de baixo custo (ARRUDA, 1999). No litoral de São Paulo, sobretudo na região de Ubatuba, essas



comunidades mantêm uma estreita relação com o ambiente promovendo a biodiversidade e respeito aos recursos naturais.

Os quilombolas são descendentes dos negros escravizados que sobrevivem em enclaves comunitários, fruto da luta pela terra, marginalizados, muitas vezes nas encostas. Estas comunidades, embora existam desde os tempos da escravidão, só começaram a ter visibilidade social recentemente, fruto de políticas públicas. Entretanto, os quilombolas, assim como as demais populações tradicionais, possuem conhecimentos etnobotânicos muito importante para a conservação da biodiversidade. Este conhecimento é essencial no estudo das conceituações desenvolvidas a respeito do mundo natural das espécies (DIEGUES, 2000).

Muitos destes conhecimentos estão associados à alimentação e análise de suas dietas e preferências alimentares são úteis para a compreensão das relações entre populações humanas e o ambiente (HANAZAKI, LEITÃO FILHO, BEGOSSI, 2015). As crises alimentares apontam uma vulnerabilidade do sistema agroalimentar hegemônico na atualidade em fornecer alimentos em quantidade e qualidade para a população mundial. Embora muito se discute em torno da segurança alimentar e, a partir disso, criam-se medidas de proteção das agriculturas locais, ao mesmo tempo em que são elaboradas estratégias favoráveis à liberalização do comércio internacional de alimento (MARQUES, 2010), sem preocupação com a soberania alimentar.

Considerando os aspectos acima, são objetivos do presente trabalho: identificar, resgatar, valorizar e divulgar os saberes tradicionais sobre a agrobiodiversidade da região e as tradições alimentares local por meio de um levantamento etnobotânico das plantas alimentícias não convencionais em comunidades tradicionais em Ubatuba, SP.

Metodologia

Aproximadamente 90% do território de Ubatuba fazem parte do Parque Estadual Serra do Mar (Bioma Mata Atlântica), área considerada como prioridade para a conservação da biodiversidade. O município localiza-se no litoral norte de São Paulo, a pouco mais de 260 km da capital, entre as coordenadas geográficas 23° 26' 13" latitude sul e 45° 04' 08" longitude, com uma população local de 78.801, de acordo com o último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2011). O clima é tropical, classificação Af segundo Köppen, com temperatura média de 22,5°C e pluviosidade média anual de 2.552 mm conforme a Normal Climatológica 61-90 (INMET, 2018).

No município, a história de ocupação do Quilombo da Fazenda, também conhecido como Fazenda da Caixa, remonta ao final do século XIX, onde o engenho de açúcar e álcool, ainda existente no local, servia na produção, principalmente de aguardente de cana. Hoje são 20 famílias e diversos são os conflitos territoriais que se



estendem até os dias atuais, quanto à permanência e sobrevivência destes povos em seus territórios (SIMÕES, 2012).

Para a realização da pesquisa, foram entrevistadas seis famílias da comunidade, as quais detêm conhecimento sobre as plantas alimentícias não convencionais usadas na alimentação da população local. Utilizou-se de informantes-chave, sendo o termo utilizado para designar indivíduos com mais conhecimento sobre o tema de interesse da pesquisa. Para isso, utilizou-se a técnica “bola de neve”, em que um informante indica outro e assim sucessivamente (ALBUQUERQUE et al., 2008), até alcançar o ponto de saturação. A amostragem é, portanto, intencional não probabilística. As entrevistas foram realizadas através do método de entrevista semiestruturada (TRIVIÑOS, 1987), em uma conversa informal, levantando informações sobre a família, sistema de produção adotado, relação com as PANCs no seu cotidiano (identificação, uso, partes usadas e preparo). Realizou-se, ainda, uma caminhada etnobotânica onde as famílias mostraram “in loco” as plantas, quando as mesmas foram fotografadas e exsicatas foram preparadas para posterior identificação, com base na literatura especializada (KINUPP, 2007; KINUPP e LORENZI, 2014; RANIERI, 2017), comparadas a exsicatas da Lista de Espécies da Flora do Brasil, através da Flora do Brasil 2020, projeto integrante do Programa ReFlora com apoio do Sistema de Informação sobre Biodiversidade Brasileira (SiBBR) (REFLORA, 2019). O estudo seguiu os padrões éticos da Resolução 466/2012/CEP.

Resultados e Discussão

Ao todo participaram seis famílias. Nenhum dos entrevistados é alfabetizado, evidenciando que os espaços de construção do saber transcendem os espaços acadêmicos e escolares. Os espaços coletivos, o convívio dentro da comunidade e o contato direto com a natureza, sabendo manejar os solos de forma empírica, contribuíram para que estas populações compreendessem o alimento intuitivamente e com seus antecedentes. Os relatos dos entrevistados são carregados de simbolismo, as falas expressam a preocupação em manter a biodiversidade preservada, como quando o Sr. C. comenta enquanto caminhávamos pelo quintal agroflorestal a alguns passos da sua casa, *“que nem essa daí (aponta para um pé de juçara), tem dois cachos. A gente tira um e deixa um por causa dos passarinhos; se tiver três, a gente tira um e deixa dois pros pássaros, não pode tirar tudo”*. Mesmo não frequentando um ambiente de ensino formal, se tornam sujeitos conscientes quanto à preservação e proteção do território para toda comunidade e os seres vivos, contribuindo para a proteção da agrobiodiversidade e o manejo adequado dos recursos.

As Plantas Alimentícias não Convencionais (PANCs) estão presentes no cotidiano destas famílias e representam grande importância social e cultural, trazendo a memória coletiva destes povos, além de servir como fonte de alimento. Dentre as PANCs coletadas, foram identificadas 51 espécies, distribuídas em 30 famílias. A família com maior riqueza foi Myrtaceae, uma das mais importantes famílias de



espécies frutíferas (MALUF e PISCIOTTANO-EREIO, 2017) com oito espécies, todas nativas do Brasil. *Campomanesia phaea* (O. Berg) foi citada por todas as famílias entrevistadas. Popularmente conhecida como Cambuci, nome de origem indígena, significa “kãmu-si” ou “pote d’água”, dado ao fruto por sua semelhança às formas de cerâmicas produzidas por eles (TOKAIRIN, 2017). É um fruto símbolo em algumas regiões do país, endêmica do Brasil, originário da Mata Atlântica e quase foi extinta (MALUF e PISIOTTANO-EREIO, 2017). Trata-se de um fruto adocicado, utilizado principalmente para fazer sucos.

Dentre os ambientes de ocorrência das espécies, todas ocorrem em quintais e sistemas agroflorestais que estão inseridos nos quintais. Os quintais produtivos representam uma das formas mais antigas de manejo da terra, são fragmentos importantes na preservação da agrobiodiversidade, manejados conforme as tradições locais e, frequentemente, são utilizados como fonte de renda (OAKLEY, 2004).

A coleta de informações sobre estas plantas é um importante passo para identificação, caracterização do seu uso enquanto fonte de alimentação, contribui para a conservação da agrobiodiversidade, da cultura e para compreender as peculiaridades dos povos locais e tradicionais, como se relacionam com território e paisagem.

Conclusões

As Plantas Alimentícias Não Convencionais são fontes importantes para a alimentação de comunidades tradicionais, como os quilombolas. O consumo destas plantas contribui para a promoção da qualidade de vida, pois são alimentos saudáveis e nutritivos. Estes alimentos contribuem ainda para a manutenção dos agroecossistemas e para a permanência destes povos em seus territórios. Os estudos voltados para o consumo de Plantas Alimentícias Não Convencionais requerem mais aprofundamento e devem ocorrer mais estímulos como tentativa de disseminar a importância socioambiental, cultural, nutricional e econômica destas plantas e a sua relação para com a conservação dos recursos naturais e com a saúde dessas populações.

Agradecimentos

Os autores agradecem ao Instituto Federal Sudeste de Minas Gerais – *Campus* Rio Pomba (IFSudeste/MG); e à comunidade Quilombo da Fazenda – Ubatuba/SP.

Referências bibliográficas



ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P.; CUNHA, L.V.F.C. (Ed.). **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**, v.2. Recife – COMUNIGRAF, 2. ed. Recife: Comunigraf/NUPEEA. p.41-72, 2008.

ARRUDA, R. **“Populações Tradicionais” e a proteção dos recursos naturais em unidades de conservação**. Ambiente e Sociedade – Ano II, nº 5 – 2º Semestre, 1999.

CHAVES, M. S. **Plantas alimentícias não convencionais em comunidades ribeirinhas na Amazônia**. Viçosa, MG, 2016.

DIEGUES, A. C. **A construção da etno-conservação no Brasil**: o desafio de novos conhecimentos e novas práticas para a conservação. São Paulo: NUPAUB, 2000.

HANAZAKI, N; LEITÃO-FILHO, H, F; BEGOSSI, A. **Uso de recursos na Mata Atlântica**: O caso da Ponta do Almada (Ubatuba, Brasil). Interciência, v.21, p. 268-276, 1996.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010: características da população e dos domicílios**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/>.

KINUPP, V.F. **Plantas Alimentícias não convencionais da região metropolitana de Porto Alegre, RS**. 2007. 562f. Tese (Doutorado em Fitotecnia) - Universidade Federal de Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS. 2007. Disponível em:< <http://hdl.handle.net/10183/12870>>.

KINUPP, V.F.; LORENZI, H. **Plantas Alimentícias Não Convencionais (PANC) no Brasil**: guia de identificação, aspectos nutricionais e receitas ilustradas. Nova Odessa: Instituto Plantarum de Estudos da Flora. 2014. 768p.

MACEDO, G. S. S.; MING, L. C. **Espécies alimentícias manejadas por caiçaras do Sertão do Ubatumirim (São Paulo), Sudeste do Brasil**. Revista Bioikos, Campinas, 30 (1):1-17, jan/jun,2016.

MARQUES, P.E.M. **Embates em torno da segurança e soberania alimentar: estudo de perspectivas concorrentes**. Segurança Alimentar e Nutricional, Campinas, 17 (2): 78-87, 2010.

OAKLEY, E. **Quintais domésticos**: uma responsabilidade cultural. Revista Agriculturas, v. 1, nº 1, nov., 2014.

RANIERI, G. R. **Guia prático sobre PANCs**: plantas alimentícias não convencionais. Instituto Kairós, São Paulo, SP, 2017.



REFLORA. **Flora do Brasil 2020 em construção.** Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: < <http://floradobrasil.jbrj.gov.br/> >.

TOKAIRIN, T. O. **Caracterização e conservação pós-colheita de cambuci, fruto nativo da Mata Atlântica.** USP, Piracicaba, 2017. < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/11/11136/tde-24082017-134117/en.php>>.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais:** a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.